



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA ALISSANDRA ARAUJO DE LIMA

**A VELHICE EM “FELIZ ANIVERSÁRIO” DE CLARICE LISPECTOR:
ABANDONO, SILÊNCIO E EPIFANIA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

MARIA ALISSANDRA ARAUJO DE LIMA

**A VELHICE EM “FELIZ ANIVERSÁRIO” DE CLARICE LISPECTOR:
ABANDONO, SILÊNCIO E EPIFANIA**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de A. Praxedes.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732v Lima, Maria Alissandra Araujo de.
A Velhice em "Feliz Aniversário" de Clarice Lispector
[manuscrito] : abandono, silêncio e epifania / Maria Alissandra
Araujo de Lima. - 2016.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade
Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades".

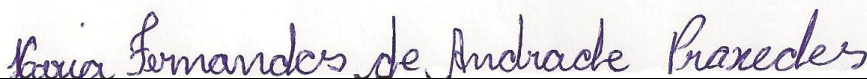
1. Anita. 2. Velhice. 3. Família. 4. Abandono. I. Título.

21. ed. CDD 305.26

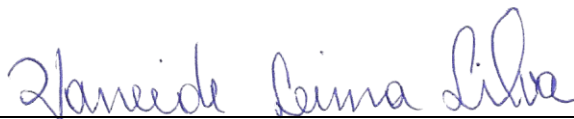
MARIA ALISSANDRA ARAUJO DE LIMA

**A VELHICE EM “FELIZ ANIVERSÁRIO” DE CLARICE LISPECTOR: ABANDONO,
SILÊNCIO E EPIFANIA**

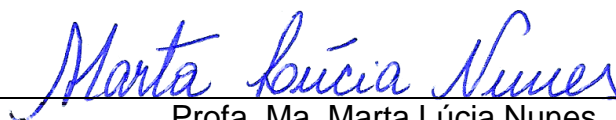
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

Aprovado em: 16 de maio de 2016

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu amor maior, por me ter concebido a oportunidade de chegar até aqui, mesmo diante das provações da vida, que me encoraja e me faz sentir forte para enfrentar as dificuldades e seguir em busca dos meus sonhos. A minha conquista só se tornou possível porque fui guiada por ele, pela minha família, professores, colegas e amigos.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, na qual estudei três anos e meio, foi um tempo de aprendizado e construção de amigos. Durante um ano desenvolvi um trabalho de Monitoria, uma experiência enriquecedora para a minha vida pessoal e profissional. Agradeço aos professores da UEPB que contribuíram para minha formação intelectual. Agradeço à professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, uma profissional admirável e competente que me ensinou a gostar de Literatura e me orientou com todo carinho e dedicação. Às professoras Carolina Coeli Rodrigues e Cíntia Sanches, que me marcaram muito e aguçaram em mim a paixão pelo ensino. Por fim, agradeço a todos os mestres, pois com eles adquiri experiências que vou levar para o resto de minha vida.

Agradeço a minha família, pelo apoio durante todo o curso, principalmente aos meus amados pais Antônio e Geralda por serem pessoas batalhadoras e se preocuparem comigo e com meus irmãos. Obrigada pela presença constante e pelo incentivo, por julgarem ser este o melhor caminho para mim. Ao meu esposo Ildevaner, por ter sido compreensivo quando não pude estar presente. Às minhas duas irmãs Aritânia e Alissônia, sempre dispostas a ajudar, e ao meu irmão Ari que, apesar das diferenças, contribuiu de forma positiva nessa minha caminhada. Aos meus dois sobrinhos Rafael e Davi, que em muitos momentos me proporcionaram e dividiram comigo suas alegrias e sorrisos, fazendo esquecer as preocupações, ansiedades e angústias.

Às minhas primas Aliana e Joelba e minha tia Vera Lúcia que, mesmo distantes fisicamente, sempre estiveram comigo trazendo a palavra de JESUS e me dando forças nas horas difíceis. A todos os meus amigos e colegas de sala, em especial Maria Rita, Paloma Larissa, Gilzicleide, Fernanda Alice e Francinete, por tantos momentos de estudos e de descontração que passamos juntas. Um agradecimento especial a Eliane, pela atenção e acolhida em sua residência durante o curso.

A velhice

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac

Aos meus pais Geralda e Antônio, DEDICO.

A VELHICE EM “FELIZ ANIVERSÁRIO” DE CLARICE LISPECTOR: ABANDONO, SILÊNCIO E EPIFANIA

Maria Alissandra Araujo de Lima¹

RESUMO

Este estudo busca discutir o alinhamento da velhice em “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, atentando para a problemática das relações dos idosos com a família e a sociedade de um modo geral. Nossa hipótese é de que nesta narrativa existe uma relação imposta entre o adulto e o idoso. O silêncio de Anita é rompido pelo momento de plena epifania da personagem. A matriarca da família não consegue mais esconder esse incômodo e conter sua indignação e, por isso, acaba explodindo os sentimentos e frustrações por meio de xingamentos e atitudes agressivas. Cabe acentuar, neste contexto, que a velhice é uma etapa da vida em que o indivíduo se torna mais frágil e com limitação corporal e mental, entendida para alguns como o momento mais doloroso da vida, uma vez que o idoso é tratado por alguns como um “peso” para a família. Assim, todo esse caráter submisso personificado em Anita é marcante não só porque ela é mulher, mas, principalmente, por ser idosa. Isso ocorre porque a velhice é vista como estorvo para muitas famílias que não sabem lidar com a situação, ou porque não há tempo para os cuidados e atenção necessários. A metodologia utilizada para essa análise foi a pesquisa bibliográfica, cujos resultados revelam uma complexidade no que tange ao tema da velhice e das relações humanas na pós-modernidade. Para isso, tomamos com base teórica algumas reflexões de Candido (1976), Brait (2006), Moser (2009), entre outros. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir para que outros pesquisadores possam ampliar essas discussões e/ou trazer aspectos novos sobre o tema em questão.

Palavras-Chave: Anita. Velhice. Família. Abandono.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, cada vez mais os indivíduos, principalmente os jovens, tentam vencer a todo custo as exigências da sociedade contemporânea, caracterizada como egocêntrica, na qual os sentimentos de caráter afetivo estão fragilizados. Infelizmente, até mesmo no âmbito familiar, temos reflexos das relações humanas que se acentuam em relação à velhice, que muitas vezes apreende, no imaginário cultural, o ser humano em declínio, desvalorizado por causa da debilitação da capacidade física e também psíquica em muitos contextos. Nessa

¹ Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

abordagem, muitas vezes o idoso se sente desamparado, uma vez que este precisa de acolhimento e maior assistência e amor de seus parentes.

O conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, aborda a velhice, expondo a hipocrisia nas relações familiares durante o aniversário da viúva, a matriarca Anita, mãe de sete filhos, seis homens e uma mulher. O enredo é melancólico e infunde tristeza e reflexões acerca da condição da velhice e das relações inter-humanas em contexto familiar.

A motivação para a realização deste trabalho se justifica pelo desejo de compreender as formas de alinhamento da família no contexto da narrativa “Feliz Aniversário”, bem como refletir sobre os fatos sociais que estão na base dessa narrativa. O objetivo é discutir o alinhamento da velhice em “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, atentando para a problemática das relações dos idosos com a família e a sociedade de um modo geral e, ao mesmo tempo, estabelecer relações entre a literatura e as estruturas sociais que estão na base do conto de Clarice Lispector. Dessa forma, interessam-nos pensar como a sociedade moderna trata os idosos, quais são seus interesses e recusas, sobretudo no ambiente familiar.

Este estudo está dividido em quatro partes: no primeiro momento, apresentamos algumas considerações sobre a vida da autora e a *psique* humana; no segundo, traçamos, ainda que de forma breve, o contexto histórico e alguns aspectos da produção literária de Clarice bem como os aspectos da literatura de autoria feminina: a posição de quem escreve e sobre quem se escreve; no terceiro momento, apresentamos um breve resumo do conto e suas particularidades, já no quarto momento, discorreremos sobre a personagem Anita, marcada e vitimada por conflitos internos e crises familiares.

1. CLARICE LISPECTOR E A PSIQUÊ HUMANA

Em torno da vida de Clarice Lispector há algumas histórias curiosas e contraditórias, já que, por exemplo, a autora era ucraniana, mas se indignava quando alguém dizia que ela era estrangeira, pois queria ter nascido no Brasil. De acordo com Moser (2009, p.14): “[...] o que torna tão peculiar essa teia de contradições é que Clarice Lispector não é uma figura nebulosa, conhecida a partir de fragmentos de antigos papiros”. A autora ficou conhecida desde sua adolescência

por ser alguém que se destacava por tentar compreender os interstícios da condição humana. Assim, sua vida foi e continua sendo documentada, e hoje há uma vasta fortuna crítica sobre essa tão enigmática e polêmica escritora abasileirada.

Dentre as atividades profissionais exercidas por Clarice Lispector, é relevante destacar, entre tantas, a de jornalista. Em quase tudo que ela escreveu há uma forte presença das impressões e experiências pessoais/ individuais e, por causa disso, a crítica e, principalmente, o leitor mais atento, percebem alguns elementos, algumas situações que caracterizam as personagens clariceanas, sobretudo o universo feminino, como reveladoras de uma realidade observada e vivenciada pela autora. Testemunha do seu tempo, Clarice mergulha naquilo que se pode denominar de dicotomia “psíquica” reveladora das profundidades do ser humano: vida e morte, encontro e desencontros, perdas e ganhos.

Em 1943 escreveu seu primeiro romance, *Perto do coração Selvagem*, obra responsável por projetar a carreira da escritora no mundo da fabulosa invenção literária, cuja narrativa traz a história da protagonista Joana, desde sua infância até a vida adulta da personagem, fazendo uma abordagem que se inscreve em questões acerca da identidade feminina visando destacar e tecer críticas aos valores fixados pela sociedade da época.

É importante ressaltar que a escrita de Lispector não é muito convencional em relação à escrita de outros autores da época e acabou por causar uma profunda impressão de estranhamento entre os leitores, visto que na literatura brasileira predominava a tradição romântica e idealista. Desse modo, eis que surge então uma escritora cuja estética rompe de certa forma os modelos estabelecidos na época. Essa ruptura é marcada pela sofisticação da linguagem e voltada para os fenômenos psíquicos da própria consciência humana. A escrita de Clarice Lispector reproduz os dramas internos e monólogos interiores, características peculiares que individualizam sua estética literária.

A partir dessas particularidades na forma de fazer literatura, parece nascer uma grande escritora, que tanto pela linguagem peculiar quanto pela forma de sua narrativa, causou um grande impacto à crítica. Sobre esse aspecto, Candido (1976) destaca que o livro *Perto de coração selvagem* foi uma tentativa de levar a nossa língua a domínios pouco explorados, apresentando o elemento do mistério, além de fazer com que os leitores sintam que ficção não é uma aventura afetiva, mas um

instrumento real do espírito que se torna inesquecível porque adentra o interior do espírito humano.

Sendo assim, cabe ressaltar que os escritos de Lispector representam uma visão psicológica e existencialista do ser humano moderno e seus personagens, principalmente femininos, pois “sofrem” com conflitos internos, que estão ficcionalmente articulados aos papéis sociais exercidos pela mulher perante a sociedade do seu tempo. Filósofica, intimista e misteriosa, a escritora pode ser considerada “a mais rara personalidade literária no nosso mundo das letras”, segundo Moser (2009, p.191). Ela se diferencia de outras autoras brasileiras por abordar personagens de modo complexo e inovador (se levarmos em consideração outros autores do mesmo período). Os contos clariceanos ganham destaque no que diz respeito às questões femininas, bem como a ficcionalização de seus temas e aspectos peculiares e inovadores dentro do atual contexto social.

Nesse sentido, cabe-nos refletir sobre os fatores sociais que estão na base do conto em estudo, destacando o pensamento de Candido (2010), quando afirma que só é possível entender a integridade do texto literário fundindo texto e contexto. Com isso, o crítico literário compreende a literatura como fenômeno de civilização que para se constituir e caracterizar depende de entrelaçamentos de vários fatores sociais, ou seja, a literatura pode expressar pensamentos e atitudes coletivas, mas não explica a essência do fenômeno literário. Assim, Candido defende a crítica sociológica que procura compreender a formação e o destino das obras, bem como a sua própria criação, mas condena o sociologismo crítico, tendência devoradora de tudo ser explicado pelos fatores sociais, e isso, segundo o autor de *Literatura e sociedade*, a crítica moderna superou.

2 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: A POSIÇÃO DE QUEM ESCREVE E SOBRE QUEM SE ESCREVE

Em determinado momento histórico, a partir do movimento feminista, a crítica literária também se voltou para a mulher e, assim, a literatura de autoria feminina passou a trilhar novos caminhos. As mulheres passaram a produzir seus textos a partir de suas experiências pessoais, referentes a temas femininos, como maternidade, lar e casamento. Sendo assim, passaram a ignorar e desconstruir os estereótipos atribuídos a elas, nesses papéis, pelo patriarcalismo, cujo império

masculino legitimou e ainda legitima a literatura brasileira. Para Dalcastagnè (2012), esse território contestado na literatura brasileira contemporânea representa do ponto de vista editorial, uma forte resistência para a produção dos grupos de autores marginalizados e a literatura de autoria feminina não foge à regra dessa exclusão. Mesmo diante dessa resistência, segundo a crítica Dalcastagnè, Clarice Lispector revela em sua obra o arcabouço de sua poética, permitindo ao leitor observar as rachaduras de seu projeto literário, sobretudo quando destoa de seu estilo para pontuar todo seu sarcasmo em *A hora da estrela* (1977), confiando à tarefa de narrar a um narrador masculino que conta a história da nordestina Macabéia, uma estratégia usada, possivelmente, para estabelecer um debate sobre o seu tempo e os movimentos feministas.

No Brasil, os primeiros movimentos feministas ocorrem entre as décadas de 1930 e 1960. As manifestações feministas se movem mediante as mudanças desenvolvidas no cenário político nacional. É hora de contestar a opressão e a supremacia masculina no país. Sobre esse aspecto, Teles lembra que:

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e as camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. (TELES, 1993, p.10)

Desse modo, o feminismo visa igualdades entre os sexos, independente de classe social, etnia e outros aspectos, estabelecendo relação entre seres humanos e não entre homem e mulher, e não os colocando em posições superiores e ou inferiores. A escrita de Clarice está muito ligada ao feminismo, embora esta tenha revelado não ser feminista. Lispector sempre deixou muito claro que era contra a prisão doméstica, na qual a mulher era submetida naquela época. Era a favor da liberdade e da felicidade, independente da fratura que isso pudesse causar aos “princípios” da moral e dos bons costumes, sem, contudo, partir para o lado promíscuo da vida.

Para ela, promiscuidade era viver o aprisionamento doméstico sem o direito de questionar. É daí que surge a ideia e a visibilidade de uma literatura cuja temática incide sobre a consciência e a autoconsciência feminina. É importante destacar que o feminismo começou no século XIX, ano de 1848, como um movimento político, do

ponto de vista das reivindicações das mulheres em detrimento a hegemonia masculina, e ganhou força entre as décadas de 30 e 60.

Nesse contexto, o movimento feminista ganha visibilidade a partir de lutas que resultaram em grandes conquistas para as mulheres, sobretudo as do século XX, já que com esse movimento elas conseguiram ingressar no mercado de trabalho, ter direito ao voto, e também o direito de se expressar, ter voz, pois em uma época de repressão elas não tinham vez, eram dominadas e condenadas a viver submissas aos homens e, além disso, sofriam com preconceitos e punições imputados a elas quando cometiam qualquer atitude que fosse considerada, pela sociedade, como “desvio de conduta”.

As mulheres tiveram seus direitos negados, foram silenciadas durante muito tempo, restando-lhes, muitas vezes, aceitar a condição de subserviente, e qualquer tentativa de reverter essa situação era interpretada como subversiva e causadora da desordem. De acordo com Priore:

O modelo ideal de mulheres que se distinguia nos autos era o de mãe, ser dócil e submisso cujo principal índice de imoralidade era sua fidelidade e dedicação ao marido. O homem se definia pela dedicação ao trabalho, pois sua obrigação fundamental era prover a subsistência da família. Emergia assim, uma imagem assimétrica da relação homem/mulher, ou seja, do homem exercendo completa dominação sobre a mulher submissa. (PRIORE, 2006, p.382)

Percebemos, então, que o homem tinha por obrigação proporcionar o sustento da família e só ele tinha o direito de trabalhar fora, já a mulher exercia papel de extrema submissão ao homem, cabendo a ela apenas o papel de ser mãe, dona de casa, ter fidelidade e, além disso, cuidar do marido, enquanto que ao homem era permitida toda a liberdade que era negada às mulheres. Esse comportamento é típico de uma sociedade altamente preconceituosa na qual o homem era considerado autoridade máxima e as mulheres eram subservientes, não tinham direitos garantidos, pelo contrário, eram marginalizadas e penalizadas quando transgrediam normas culturalmente estabelecidas pela sociedade.

Durante muito tempo as mulheres estiveram “condenadas”, “aprisionadas” ao ambiente doméstico. A mulher sempre foi vista como um ser incapaz de tomar as próprias decisões, já que apenas ao homem eram conferidos poder e autoridade. A sexualidade da mulher era desvalorizada, pois a mulher tinha obrigação de satisfazer os desejos sexuais mais “bárbaros” e libidinosos do homem, sem ter o

poder de desfrutar da mesma sensação, de modo que o único privilégio que ela poderia finalizar com sucesso e prestígio era o de ser mãe.

Com muito esforço, a mulher buscou o seu espaço e hoje podemos ver que depois de todas as lutas e conquistas ela passou a ocupar um lugar na sociedade, embora ainda seja desvalorizada, diante de alguns setores da sociedade, sobretudo no que diz respeito à profissão e aos direitos trabalhistas. Essa desvalorização se deve, ainda, ao machismo e preconceito social em achar que a mulher não tem o mesmo potencial do homem. Na literatura, a mulher também enfrentou empecilhos para ser aceita. A própria Clarice sofreu certa resistência por parte da sociedade para ter o seu trabalho valorizado. Sobre esse aspecto de desvalorização da produção literária feminina, Zolin lembra que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representantes de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulando por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo. (ZOLIN, 2009, p.253)

No tocante à questão feminista dentro da literatura e, principalmente, a produção de Clarice Lispector, é possível afirmar que a mesma, na condição de mulher e de escritora, não era trivial ou comum a muitas mulheres de sua época, pois, ainda que tenha seguido alguns padrões, se recusou e negou alguns padrões impostos pela sociedade da época e isso fica patente na crítica que faz quando cria suas personagens inquietas e insatisfeitas com a realidade que as cercam.

É pertinente, portanto, enfatizar a importância dessas inquietações pontuadas nas narrativas da autora, pois se trata de personagens vivendo suas crises diante da velhice, do amor não correspondido, do desejo de liberdade e tantas outras questões que frustram e atormentam a mulher. Para Clarice, a mulher precisa estar bem com o espírito a fim de defrontar-se com a passagem do tempo de forma saudável: “A mulher que deseja um método simples de conservar a juventude, entre os cuidados com a pele, o cabelo e a silhueta, deve incluir os cuidados com o espírito. A alegria e o entusiasmo pelo minuto que passa são mais importantes que muitos tubos de cremes” (*apud* NUNES, 2006, p.26).

A autora defende que a mulher jamais deve se envergonhar de sua idade, muito menos temer a chegada da velhice e persiste que para se evitar isso, a mulher deve investir em sua feminilidade: “A mulher que não aceita os seus 40 anos com orgulho, mas procura escondê-los como a um crime, não é inteligente. O tempo, minhas amigas, é o senhor absoluto de todas as coisas, de todas as criaturas, e lutar contra ele é tão inútil quanto tolo” (NUNES *apud*, 2006, p.17).

Lispector, em especial no conto “Feliz aniversário”, trata da realidade e de tudo aquilo que remete aos conflitos interiores, das escolhas, das perdas, dos medos e da autoconsciência de lutar por transformações para revelar o íntimo da *psique* humana, e isso nos leva a crer que ela construiu suas personagens pensando o homem, a mulher, a criança e o idoso (a) da época para suscitar uma reflexão sobre os problemas emocionais que estavam vinculados ao cotidiano de cada indivíduo.

Dessa forma, Clarice está o tempo todo problematizando e interrogando o papel social da mulher, seja qual for o ambiente ou classe social ao qual a personagem pertença, a autora sempre encontra um modo peculiar de despertar uma reflexão nos seus leitores a respeito da condição feminina na sociedade. Sua figura excêntrica e sua personalidade marcaram o estilo de suas obras e tornaram-na uma das autoras femininas mais conhecidas da literatura brasileira. Sobre essa excentricidade de escrever e descrever a existência humana, Moser destaca que:

A alma exposta em sua obra é alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis porque Clarice Lispector já foi descrita com quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo o mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”. (MOSER 2009, p.17)

A marca subjetiva e singular com que Lispector escreveu suas obras deixa claro seu envolvimento com as personagens, principalmente quando se trata de personagens femininas, expressando sua condição de mulher e de ser humano e, muitas vezes, deixa nas entrelinhas características pessoais de sua escrita emitindo sua opinião e reflexões sobre a vida. Para Helena:

A obra de Lispector - ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da história da história-não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade. (HELENA, 1997, p.109)

Nessa perspectiva, ao falar da condição feminina em sua obra, Clarice busca fazer uma intermediação entre a realidade e a ficção. Ela não se satisfaz em escrever por entretenimento, mas se preocupa com o impacto que a obra irá causar nas ideias e atitudes dos leitores, buscando provocar suas mentes e induzi-los a uma reflexão interior sobre si mesmo e sobre o outro. Através da análise do conto “Feliz Aniversário”, buscou-se pesquisar a construção da personagem feminina Anita a partir de suas atitudes sob o viés da narradora, nas quais a idosa se sente desprezada por sua própria família.

Essa intermediação nos remete ao pensamento de Candido (2010, p. 40), quando afirma que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”. Desta feita, o leitor analisa as possibilidades de estabelecer a relação da arte com a realidade, destacando os pontos de atuação das influências sociais sobre a obra, e desta sobre a sociedade. Por isso, o crítico literário acredita que hoje estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente. A personagem do conto de Lispector é também a personagem da vida real, caracterizada pela invisibilidade da sociedade e estorvo para a família.

3. ASPECTOS RELEVANTES DO CONTO “FELIZ ANIVERSÁRIO”, DE CLARICE LISPECTOR

“Feliz Aniversário”, conto presente no livro *Laços de Família*, publicado em 1960, aborda o aniversário da viúva, a matriarca Anita, mãe de sete filhos, seis homens e uma mulher. A narrativa gira em torno de outras personagens secundárias, como as noras, os netos e os bisnetos da senhora. Apesar de ter uma família grande, a mulher vive solitária, pois sua família só aparece para visitá-la uma vez por ano, no dia de seu aniversário.

O conto evidencia que essa visita anual se dava a contragosto da família da matriarca. Tal acontecimento pode ser atestado em:

Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados. (LISPECTOR, 1998, p. 54)

É possível constatar que não se trata só de um passeio ou de mera formalidade para o aniversário de Anita, mas são expostas as verdadeiras intenções dos familiares da senhora: estar em Copacabana. Seus familiares reúnem-se para festejar essa data. Zilda, a filha com quem Anita mora, prepara a casa para receber a família, organizando tudo com antecedência para que não haja nenhum imprevisto. Ela se revolta por ter de arcar com essa tarefa e despesa da festa sozinha, como explicita: “[...] ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado”. (LISPECTOR, 1998, p.58).

Zilda convida o leitor a observar os dramas familiares, caracterizados pelo desprezo, pela falsidade e pelo egoísmo, não só em relação à velhice, mas em referência a outras formas de relações inter-humanas. O desprezo e o descaso a Anita são evidentes. A descrição da preparação da matriarca para a festa de aniversário revela o abandono da família. Vale lembrar que o leitor conhece apenas a versão do narrador, pois é ele quem conta os fatos:

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de **guardado**, sentara-a a mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala **silenciosa**. (LISPECTOR, 1998, p.55, grifos nossos).

Diante do exposto, fica claro como Anita é considerada um estorvo na vida da própria família. Esta é uma realidade vista em vários lares brasileiros, nos quais não é dado o devido valor, respeito e cuidados aos idosos, que muitas vezes vão morar, contra a vontade, na casa de familiares ou são colocados em casas de repouso. No

caso específico de Anita, percebe-se que ela não é amada pelos seus parentes, a família a trata com desprezo e parece contar os dias para sua morte.

Para alguns, a ideia de cuidar de seus pais quando idosos é tão repelente que muitos acabam abandonando os pais, embora não entendam dessa forma, pois acham que oportunizá-los o direito à comida e a higiene pessoal em um asilo, ou cuidados de estranhos, já é uma prova de proteção. Contudo, faltam-lhes, na maioria das vezes, carinho, amor e companhia. Em diversos momentos, Anita capta, atenciosamente, tudo que acontecia ao seu redor. Pode-se notar, neste contexto, uma sequência de monólogos interiores permutados a diálogos e comentários do narrador, como podemos perceber no trecho a seguir:

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo. (LISPECTOR, 1998, p.55-56).

No decorrer do conto, há uma necessidade de apontar o insignificante e desinteressante fato de a senhora estar sendo homenageada. Isso implica a desvalorização da matriarca em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, em que os valores familiares já estão corroídos e os familiares se reúnem apenas para promover um encontro simbólico, ou para ostentar o poder aquisitivo, ou para justificar para a sociedade uma ação que não corresponde, muitas vezes, ao real desejo de efetivar tal ação.

A expressão “Feliz Aniversário” é uma ironia diante do foco da narrativa do conto, uma vez que ocasião de completar mais um ano de vida deveria ser de contentamento e satisfação para a família. Neste caso, sucede exatamente o oposto porque as relações entre os familiares se equacionam de maneira forçada e tudo funciona no plano das aparências. Percebe-se, neste conto, um reflexo da sociedade atual em que os indivíduos se mantêm afastados uns dos outros, independentes de estabelecerem laços de família. Compreende-se, também no conto, uma crítica ao sistema do patriarcalismo e à velhice, bem como ao estilo de vida das grandes cidades, como o Rio de Janeiro.

Nessa reunião de família, Anita não fala e nem mostra nenhuma reação com seus familiares “Seus músculos não mais representam”. A senhora não tem mais condições de sair fisicamente dessa situação e do meio exterior. Percebe-se como

ela sente rancor em relação a sua família: “O rancor roncava no peito vazio. Uns comunistas, era o que eram, uns comunistas [...]. Parecia ratos se acotovelando”. (LISPECTOR, 1998, p.60).

De acordo com o narrador, “Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?” (LISPECTOR, 1998, p.60). A personagem parece emprestar sua voz ao narrador para fazer uma reflexão sobre as personalidades de seus filhos, e dá conta que criou homens vazios e sem competências e mulheres sem valores, por isso não podia confiar naqueles que formavam sua família. Durante toda a festa, Anita fica sentada à cabeceira da mesa, apenas observando seus “familiares” conversando e, principalmente, se empanturrando com a comida.

Contudo, tem-se a carência de elementos representativos dos laços familiares, porque o que impera é a não família, insípido de gestos, sem demonstrações de carinho, afeto e amor. Os convidados têm o desejo de que tudo termine logo. O bolo é cortado de maneira mais súbita possível, momento que preconiza o fim da festa.

O que deveria ser uma comemoração de mais um ano de vida da senhora, acaba sendo um prognóstico simbólico da morte: “[...] dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha” (LISPECTOR, 1998 p.59). É possível perceber uma representação simbólica da morte no momento da divisão do bolo, revelando o desejo de que tudo aquilo acabasse logo. A “pazinha” lembra o momento fúnebre em que se joga a terra sobre o cadáver. Essa simbologia da pá anuncia que a morte está cada dia mais próxima daquela senhora.

Enfim, quando os familiares se despedem da festa, surgem vários comentários sobre o próximo aniversário de Anita, se ela conseguiria sobreviver a mais um aniversário ou não. As pessoas saem da casa com alívio “[...] pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontram na tranquilidade fresca na rua” (LISPECTOR, 1998, p.66). O narrador chama atenção, possivelmente, para um dado que Benjamin (1994) considera preocupante na modernidade que é a perda do caráter da experiência coletiva, bem como a impossibilidade comunicativa do sujeito contemporâneo. No caso específico do conto, é perceptível a incapacidade de as pessoas da família daquela senhora proferirem uma palavra, intercambiar uma experiência do passado, ou trazer uma novidade. O narrador parece alguém muito

próximo da família, ele recorre ao acervo de toda uma vida de experiências alheias, como bem destaca Candido (1994).

No início da narrativa, tudo indica que Anita se mantém impassível devido a sua condição de idosa. No desenrolar do conto, entretanto, percebe-se que a causa principal da indiferença não está atrelada estritamente a limitações físicas impostas pela idade, senão pela exaustão moral a qual a personagem chegou. A indiferença da idosa aos chistes espirituosos de seus filhos e netos confirma essa possível leitura.

Uma leitura atenta à condição feminina das personagens clariceanas expõe uma consistente crítica social em que a sociedade ocupa um papel fundamental no desencadeamento dos conflitos psicológicos pelos quais figura a personagem retratada. Clarice está a todo tempo problematizando e questionando o papel social da mulher, seja qual for o ambiente ou classe social ao qual a personagem pertença.

4. “FELIZ ANIVERSÁRIO”: O ÚLTIMO PEDAÇO DE BOLO E A EPIFANIA DA PERSONAGEM ANITA

O conto trata de uma situação muito peculiar na nossa sociedade: o fato de a família abandonar seus idosos. Isso reflete uma sociedade egocêntrica, na qual a afetividade e os sentimentos de carinho entre os sujeitos estão cada vez mais fragilizados, até mesmo nos laços familiares, principalmente na fase da vida conhecida como velhice.

Posto dessa forma, a sociedade marginaliza os idosos em função de um egoísmo em que não cabe mais dividir afeto e atenção. É comum ouvir relatos de idosos sobre o abandono dos filhos, sobretudo daqueles que mudaram para outros estados e nunca mais voltaram para visitar os pais. A distância e a saudade dos filhos conduzem ao isolamento e, conseqüentemente, à doença, à tristeza e à depressão.

Para Schmitt (1992, p.279) “O distanciamento da família também caracteriza a marginalidade”. Nos dias atuais, é comum ver idosos abandonados por seus próprios familiares em hospitais, asilos e até em sua própria residência, esquecidos e maltratados pela família. Há também idosos que vivem sozinhos por escolha particular, ou por não conviver em harmonia com seus familiares. Para Del Prette

(1999), é importante que se estabeleça respeito pelo idoso, reconhecendo-o enquanto ser humano que, se por vezes apresenta certa diminuição de suas habilidades físicas sensoriais, possui outras qualidades que podem ser igualmente relevantes.

A velhice é uma etapa da vida em que o indivíduo se torna mais frágil e com limitação corporal e mental, entendida para alguns como um dos momentos mais dolorosos da existência, uma vez que o idoso é tratado por alguns como um “peso”, um fator preocupante em relação à liberdade plena do uso do tempo de cada um para cuidar dos pais ou parentes idosos. A metáfora do bolo e da pá presente no conto exprime o alinhamento sobre a compreensão e o tratamento dado à velhice nos tempos modernos. O bolo, antes de ser partido, se configura como a parte inteira, que não foi quebrada, danificada, mas quando se corta em pedaços já não há mais unidade e preservação. O bolo em pedaços simboliza que as forças produtoras da juventude de Anita já se esvaíram, sua existência parece ser inútil para sua família, já não há sentido.

Na velhice, muitas vezes, o idoso que tenha tido filhos, com o passar do tempo, sofre com a ausência cada vez mais acentuada deles já que estes, no transcorrer de suas vidas, comumente, casam ou deixam o convívio da família em busca de benefícios dos estudos e do trabalho, deixando dessa forma um vazio no seio dos pais. Tem-se outro agravante: aqueles filhos que se disponibilizam a cuidar dos pais idosos nem sempre se dedicam como deveriam, pois, em muitos casos, cuidam com arrogância ou deixam faltar-lhes a assistência devida. Condições essas que podem causar no indivíduo idoso sentimentos de angústias, de tristeza, de invalidez, que resultam quase sempre no abandono. Os idosos, muitas vezes, ficam à mercê dos outros. Como bem defende Giannett:

O teor da antevisão do futuro também se altera. Enquanto aos olhos ainda frescos e expectantes da juventude o vácuo do porvir tende a ser preenchido pelo sonho, o mesmo não ocorre às retinas fatigadas dos mais velhos. O peso da experiência acumulada – boa parte dela possivelmente feita de decepções e dissabores – e o horizonte mais restrito à frente tendem a reforçar o elemento de pessimismo e apreensão quanto o amanhã. (GIANNETT, 2005, p.107).

Sendo assim, há um paralelo afetivo e de objetivos entre os jovens e os idosos. Enquanto os adolescentes se preocupam com a realização profissional e

seus planos pessoais, os idosos ficam sem a devida proteção da família e sem perspectivas de vida, cabendo-lhes a difícil arte de enfrentar o vazio da solidão, do medo e das incertezas do amanhã.

A partir dessas reflexões, nossa análise incidirá em Anita, personagem do conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector, tomando como referência o tratamento desumano que esta senhora recebe de sua família. Na narrativa em questão, nota-se como a velhice pode ser vista como um estorvo para aqueles que só pensam em si próprios e por isso os idosos acabam se tornando um problema para esses sujeitos individualistas.

Anita observa no entorno, o comportamento de sua família, o que lhe causa repulsa e ódio por cada um deles. A matriarca da família não consegue mais esconder esse incômodo e conter sua indignação, por isso acaba explodindo os sentimentos e frustrações por meio de xingamento e atitudes agressivas: “[...] explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! (LISPECTOR, 1960, p.62).

Em certos momentos do conto, o narrador chama atenção para o fluxo de consciência da personagem Anita, no momento em que ela parece cuspir toda sua lucidez demonstrando seu desprezo diante da reprovação dos familiares, ainda que as pessoas ao redor defendessem que ela estava com problemas mentais. “Todos aqueles seus filhos, netos e bisnetos não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse” (LISPECTOR, 1998, p.60). A menção feita ao cuspe remete ao momento de epifania que revela e transforma Anita, a saliva pode ter o poder de cura interior da personagem. Esse momento epifânico, materializado na angústia do existir das personagens de Clarice, é destacado por Vianna quando afirma que:

Angústia que se multiplica pelas demais personas de Clarice, ao longo dos vários livros, todas perplexas diante do existir, carregando como sobrecarga dolorosa a situação da falta, associada a um aprisionamento do qual, como animal histérico, debatem-se por libertarem-se. É possível surpreender no texto de Clarice a mulher a descolar-se pouco a pouco da passividade em que se viu tradicionalmente atrelada. Ela não se deixa morrer nem se suicida como as heroínas convencionais. Ao contrário, caminha pela vida em permanente diálogo com a morte.(VIANNA, 1994, p.302).

Uma das características marcantes do estilo literário de Clarice é o uso da epifania, momento em que a personagem tem sua consciência desperta, geralmente provocada por um fato inesperado que faz descobrir, verdadeiramente, o mundo em sua volta.

...uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação (...). Ainda mais especificamente em literatura, epifania é uma obra ou uma parte de uma obra que se narra o episódio da revelação. (SANT'ANNA,1979,p.189).

Percebemos que, após o momento de epifania, Anita passa a emitir opiniões e expor as suas vontades como “- Me dá um copo de vinho! disse”. (LISPECTOR, 1998, p.61). A partir dessa atitude de Anita, passamos a conhecer um pouco mais o seu interior, o seu lado misterioso, inesperado se revela e, ao mesmo tempo, segundo Candido (1976, p. 60), a personagem “[...]como um ser complicado, que não se esgota nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde jorrar cada instante o desconhecido e o mistério”.

Assim, pode-se inferir que a personagem idosa se revela nesse ser complexo e enigmático. Sobre essa questão Brait (1985, p. 41), lembra que “[...] as personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor”. A surpreendente revelação de Anita - ou seja, sua reação - denota essa complexidade diante do outro e de si mesma, já que mesmo diante do caos ela não se entrega à passividade, “caminha” entre a vida e a morte, denunciando seus pares. Anita passa por conflitos e momentos angustiantes, momento revelador em que ocorre a transformação e a cura interior. Nesse ínterim, segundo Brait, o ser humano:

— Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (BRAIT 1985, p.45)

A personagem Anita se apresenta, inicialmente, como as mulheres sempre foram vistas, inferiores ao homem, pois a sociedade sempre valorizou o patriarca do

lar. Mas a matriarca representa uma “Mãe” que se revela, como lembra o narrador do conto, forte como parideira e obediente ao marido:

Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. (LISPECTOR, 1960, p.60).

Desse modo, Anita foi submissa primeiro ao marido e depois aos filhos. Podemos então perceber que a falta de segurança e o temor da situação fez com que ela agisse de tal modo. Sendo assim, a construção de Anita e de tantas outras personagens idosas de Clarice é o arcabouço violento que atormenta as pessoas durante a velhice. Para Gotlib:

O desejo violento e insatisfeito atormenta também a velhice. Há um conjunto de personagens-mulheres-velhas, criadas por Clarice nesse período, que apresentam marcas muito específicas. Descendentes de D. Anita e de Mocinha (“Viagem a Petrópolis”), guardam uma intimidade reservada, meio sagrada, que se alia a um grotesco da situação de marginalidade e de abandono social (GOTLIB, 1995, p.419).

Desse modo, Anita, a matriarca dentre as velhas construídas por Clarice, evidencia essa situação de marginalidade e de problematização dos valores patriarcais. O narrador lembra-se de alguns eventos do passado, referindo-se às festas de outrora, quando Jonga, o filho mais velho, sempre permanecia em sua casa para proferir as palavras de carinho e afeição em relação à mãe. Porém, não era mais o que sucedia após a morte do filho atencioso. Veja-se neste seguinte fragmento:

José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Como Jonga fazia falta nessas horas [...] Como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara. [...] E quando ele morrera a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. (LISPECTOR, 1960, p.65)

Como podemos perceber, é notória a falta de sentimentos verdadeiros expressos neste momento de despedida por alguns de seus filhos que, diferentemente de Jonga, nada valiam para Anita. Jonga fazia falta nessas ocasiões e datas especiais pelo fato de ser o único a não ter dificuldade de falar sobre a mãe e para a mãe de modo especial e verdadeiro. Para tal situação emocional, explica-se então o fato de que Anita passou por perdas importantes ao longo de sua vida, sobretudo relacionadas ao filho e ao esposo, pessoas queridas para a idosa.

O narrador do conto é onisciente. Porém, esse conhecimento sobre os acontecimentos não parece tão contundente, haja vista que ele nos apresenta informações pouco esclarecedoras sobre a família de Anita. Assim, cabe o leitor tirar suas próprias conclusões sobre o desenrolar dessa história, como se participasse diretamente dos fatos. Isso lembra o narrador postulado por Adorno (2003, p.60) como alguém que “[...] ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece como se tivesse presente em carne e osso. A subjetividade do narrador se firma na força que produz essa ilusão”.

Desse modo, pode-se apreender muito de uma senhora externalizando sua experiência através da voz do narrador, como afirma Benjamin (1994, p. 205), pois “[...] quanto mais ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las”. Cabe acentuar, neste contexto, que o conhecimento dos fatos chega ao leitor pela ótica do narrador já que é ele quem conta, tomando emprestado, muitas vezes, as vozes das personagens.

Em determinado momento o narrador vai apresentar Anita de forma que o leitor visualiza uma criança na personagem principal. Refletindo sobre essa questão Brait (2006, p.64) afirma que: “o Narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentado a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo discreto e fascinado, a figura do protagonista”. Em todo caso, o narrador parece conhecer muito bem a rotina da família, mas deixa para o leitor a função de atribuir sentido à narrativa a partir do que lhe é fornecido e autorizado por ele e pelo enredo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida a partir da necessidade de realizar uma análise mais detida do conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector. Para isso, buscou-se enfatizar características e atitudes relacionadas ao sentimento de abandono na velhice no contexto familiar, através da personificação desta fase etária na personagem Anita. De acordo com a análise, verificamos que em Clarice Lispector o estigma do velho se refere à imagem da exclusão, do abandono, cada vez mais associado à solidão e à melancolia.

Desse modo, procurou-se ao longo desse trabalho mostrar que a produção literária de Lispector vai além da escrita usual, pois seus escritos são marcados pelo psicologismo denso, pela introspecção e resistência de suas personagens. A sua arte, bem como a sua vida, constituem-se a partir da vivência dos sentimentos da perda, da culpa, da solidão, bem como da necessidade de superar os conflitos existenciais.

Além disso, foram expostas algumas considerações sobre a vida da autora e as relações de sua obra com modos de ler e interpretar a *psique* humana, ainda que de forma breve, o contexto histórico e alguns aspectos da produção literária de Clarice bem como os aspectos da literatura e as marcas do feminismo. Delineou-se, então, um breve resumo do conto e suas particularidades e discorreu-se sobre a personagem Anita, marcada e vitimada por conflitos internos e crises familiares.

Todas as percepções analisadas no trabalho tiveram como finalidade mostrar que a personagem Anita tenta romper com uma reduplicação de valores: os patriarcais e os que cercam a velhice. Pode-se apreender que nossa análise se configura a partir da construção da personagem Anita, uma vez que ela se apresenta como uma personagem complexa, cujos comportamentos se revelam através de suas atitudes e dos que estão em seu entorno. É pertinente, portanto, enfatizar a importância dessas inquietações pontuadas nas narrativas de Lispector, pois são personagens vivendo suas crises diante da velhice, do amor não correspondido, do desejo de liberdade e tantas outras questões que frustram e atormentam a mulher.

Esperamos, assim, que essas inferências possam servir de âncora no sentido de despertar curiosidades e inquietações de profissionais que tenham interesse nessa temática, incluindo-se principalmente àqueles leitores que ainda não se debruçaram sobre a produção literária de Clarice Lispector, a fim de que possam

conhecer o universo ficcional dessa escritora que trata de temas aparentemente banais, corriqueiros, mas que aponta os dramas recorrentes à condição humana na sociedade moderna.

The IN OLD AGE "HAPPY BIRTHDAY" by Clarice Lispector: ABANDONMENT, SILENCE AND EPIPHANY

ABSTRACT

This study aims to discuss the alignment of old age in "Happy Birthday", Clarice Lispector, paying attention to the problem of the relationship of the elderly with the family and society in general. Our hypothesis is that this narrative there is an enforced relationship between the adult and the elderly. Anita, old character of the narrative, observes the behavior of children and relatives and is indignant before all the hypocrisy of his family on his birthday. This causes him disgust and not left you another choice but to express their refusal to each of them. Anita's silence is broken by the time of full epiphany of character. The matriarch of the family can no longer hide this nuisance and contain their anger and therefore ends up blowing up the feelings and frustrations through name calling and aggressive attitudes. It is to emphasize in this context that old age is a stage of life in which the individual becomes more fragile, with physical and mental limitations, understood to some as the most painful time of life, since the elderly are treated by some as a 'weight' for the family. So all this submissive character embodied in Anita is remarkable not only because she is a woman, but mainly for being old. This is because old age is seen as a hindrance for many families who can not handle the situation, or because there is no time for the care and attention needed. The methodology used for this analysis was the literature, the results reveal a complexity in relation to the theme of old age and of human relations in postmodernity. For this, we take with theoretical basis some thoughts of Candido (1976), Brait (2006), Moser (2009), among others. It is hoped that this research will contribute so that other researchers can extend these discussions and / or bring new aspects of the topic.

Keywords: Anita. Old age. Family. Abandonment.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance. *In: Notas de literatura I*. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. ed. 34. São Paulo: Duas Cidades; 2003.

BRAIT, Beth. A construção da personagem. *In: A Personagem*. ed.8. São Paulo: Ática, 2006, p. 64.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **MAGIA e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol, et al. A personagem do romance. *In: A Personagem de ficção*. ed. 5. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 60.

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. ed. 11. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DEL PRETTE, Zilda; DEL PRETTE, Almir P. **Psicologia das Habilidades Sociais: terapias e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. ed. 7.. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

GIANNETTI, Eduardo. A escolha intertemporal no ciclo da vida: maturidade e velhice. *In: O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 99-115.

HELENA, Lucia. **Nem mas nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. *In: Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma bibliografia**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NUNES, A. M. (Org.) **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PRIORE, Mary Del (org.) **História das Mulheres no Brasil**. ed. 8. São Paulo: Contexto, 2006.

SANT`ANNA, Afonso Romano de. "Laços de família e legião estrangeira", *in Análise Estrutural de Romances Brasileiros*, Petrópolis, Vozes, 1979.

SCHMITT, Jean Claude. A história dos marginais. *In: LE GOFF, Jacques*. (org.) **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 279.

VIANNA, L. H. Clarice e o lugar do autor. *In: FUNCK, Susana Bornéo* (Org.) **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, p. 299-306.

TELES ALMEIDA, Maria Amélia de. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**.ed. 3. Maringá: Eduem, 2009.